

## RELAÇÕES FAMILIARES E QUESTÕES DE GÊNERO

## FAMILY RELATIONS AND QUESTIONS OF GENDER

Wilma da SILVA\*

---

**RESUMO:** Trata-se de uma reflexão praxicológica a partir de estudo das interações e formas de organização familiar na atualidade. O objetivo é apontar mudanças, permanências e possibilidades de superação dos elementos culturais e patriarcais subentendidos e implicados no processo de formação das identidades de gênero e de suas relações neste início de milênio, em vista das atuais mudanças de papéis no interior das famílias. Procura-se distinguir as manifestações dos perfis de mulheres e homens e suas possibilidades de flexibilização. O movimento é relacional e a proposta é encontrar alternativas para os desafios do cotidiano familiar.

**UNITERMOS:** Família; Orientação familiar; Terapia familiar sistêmica; Gênero; Papéis; Desejo.

---

**ABSTRACT:** This is a praxicological reflection based upon an inquiry of the interactions and news ways of family organization. The aim is to point changes, permanencies and possibilities of overcoming patriarchal elements hidden in the process of building gender identities and their relations, considering the changes that can be seen within family structures. It tries to distinguish in the plurality of manifestations of profiles of women and men and the possibilities of flexibility. The movement is relational and the proposal is to find alternatives for the challenges of the family quotidian.

**UNITERMS:** Family; Family orientation; Systemic family therapy; Gender; Roles; Desire.

---

\*Doutora em Ciências Sociais pela PUC, São Paulo, assistente social especializada em Dinâmica Familiar pela PUC, São Paulo e professora da faculdade de Publicidade da FACESP em São Paulo .

## 1. A importância de as famílias contarem suas histórias

A prática de orientação familiar e de terapia familiar sistêmica vem mostrando como a linguagem oral é geradora, construtora e modificadora das relações de gênero: falar tem o poder de fazer certas coisas acontecerem. Aprende-se a falar “sobre” as coisas, a descrevê-las, e aprende-se também que a linguagem *cria*: ela precede a realidade externa e objetiva. Dessa forma, a linguagem é ação no tempo: é, portanto, histórica. Por meio dela altera-se o curso espontâneo dos acontecimentos, faz-se que outras coisas ocorram (Echeverria, 1994).

O resgate e a construção oral da história e da cultura familiares, com o recordar, o rememorar dos fatos corriqueiros da vida, tecendo a sua trama, proporcionam-lhes um novo sentido, trazem novas possibilidades de ser em relação.

Quando se explora o imaginário nos níveis familiar, individual e sócio-cultural, o registro desse movimento constitui para o pesquisador um potencial reflexivo, revelando como as novas informações provenientes da história familiar – e as construções que dela se fazem – possibilitam transformar as relações, num contínuo processo de desconstruir e reconstruir identidades de gênero.

Esse movimento, que envolve o profissional-pesquisador e as famílias na sua singularidade, além de ampliar o entendimento da dinâmica familiar pode ocasionar mudanças nas vidas dos cidadãos, melhorando-as sensivelmente.

As falas e os discursos, as queixas e as ansiedades, os medos, os desafios e as dificuldades são reveladores da intimidade do grupo familiar, do processo do pensar, das fantasias e dos fantasmas que povoam o imaginário individual, familiar e coletivo e embasam a vida cotidiana das famílias. Por essa razão as reuniões familiares terapêuticas e de orientação familiar são espaços de fronteiras, onde os modos de ser do indivíduo e das culturas familiar e social se entrecruzam, produzindo outras histórias, importantes no processo de socialização. O que é lembrado, contado e recontado de forma sempre nova no movimento familiar recria

o sentido dos fatos antigos, portanto passados, e dos atuais, cotidianos e relacionais, gerando um presente que integra o passado e o supera dialeticamente.

Observa-se a rede multigeracional e, conseqüentemente, a questão da transmissão cultural dos papéis. No nível da subjetividade, o complexo sistema social está em relação dialética com o indivíduo, como fenômeno interno e externo a ele.

As masculinidades e as feminilidades, plurais, flexíveis ou rígidas e confusas, em relação, interrogam-se reciprocamente e interrogam o processo de transmissão cultural na cadeia das gerações. No cotidiano, tais conceitos refletem as vivências reais concretas e emocionais das famílias: cônjuges, pais, filhos, irmãos, avós e netos. A trama dos seus aspectos constitutivos, no cotidiano familiar, envolve, no mínimo, três gerações em um processo natural e social de transmissão da e na cultura familiar e social.

### Os desejos

Poder falar não apenas das dificuldades e dos sofrimentos, mas também dos desejos<sup>1</sup>: eis aqui um ponto nodal da relação terapêutica. Partindo dos supostos de que o inconsciente é estruturado pela linguagem, que esta se refere a uma cultura e que da vivência da falta irrompem as fantasias, os devaneios e o desejo, devemos avançar na indagação e na sua superação, para além do gênero (construído historicamente, desde a cultura patriarcal). Se caminharmos em direção ao desejo, ele se torna um marco na construção da história individual e cultural das famílias.

Descobrir e acessar os próprios desejos, numa sociedade que transforma o indivíduo em consumidor e o cidadão em mercadoria, significa assumir os próprios desejos, os sonhos e

---

<sup>1</sup> O conceito de Desejo aqui utilizado vem de Freud e avança com os estudos de Melanie Klein e de Lacan. Em nossa prática verificamos que a pergunta a respeito dos desejos pessoais, se feita no momento oportuno, e sua posterior exploração, provoca um salto qualitativo na vida mental das pessoas, com desdobramentos no cotidiano familiar, nas relações sociais e de trabalho.

os projetos de vida. Significa também ser capaz de ressignificar a relação familiar e as questões de gênero que aparecem na vida cotidiana familiar, e isso constitui, na atualidade, a via régia de acesso a novas possibilidades de ser homem e mulher.

As famílias podem também ser vistas como formas de organização humana, mudando sua maneira de ser, ao longo da história. As mudanças permitem que elas sejam lugares sociais onde as pessoas que as compõem desenvolvam suas singularidades e suas individualidades. Também permitem que o sistema formado sobreviva às vicissitudes da vida. Cada homem e cada mulher pode ser apreendido como cidadão também na sua subjetividade, dadas as especificidades da dinâmica e das relações que se travam no interior da família.

Aqueles que participam do cotidiano familiar se constituem ou não em sujeitos desejantes. Cada sujeito está em constituição de sua identidade, identidade-em-movimento, que se modifica de acordo com o desenvolvimento cronológico, afetivo-cognitivo e com as influências do meio.

A família ainda é o lugar onde, a partir do encontro fortuito e amoroso de um homem e uma mulher, que geraram filhos, a afetividade se materializa em gestos concretos de amor, ódio, agressividade, raiva, ciúmes, tristeza, solidariedade, prazer, sexo e erotismo, entre outros. É o lugar do espaço privado, em contraponto com o espaço público. Nele, cada um se sente à vontade frente aos outros: é onde aparecem as fragilidades e as necessidades materiais e emocionais dos indivíduos-cidadãos.

A organização material e emocional desse espaço privado, que até há pouco tempo competia quase que exclusivamente às mulheres, leva em conta as relações de poder. Essa organização, entretanto, obedece a complexas forças e relações estabelecidas nos momentos de encontros e desencontros, expressos em palavras, gestos, olhares, desejos. Enfim, aí se vive mais nos domínios da emoção inconsciente e menos nos da razão e do consciente, embora frequentemente seus membros afirmem o contrário.

## Os papéis de cada um

As diferentes formas de cada família se organizar em seu funcionamento relaciona-se com as atribuições e os papéis conferidos pela sociedades aos gêneros masculino e feminino.

Os papéis sociais são representações da ordem institucional. Estruturam e legitimam a vida cotidiana, tornando-a 'real' para os atores sociais. Ao internalizar os papéis que a sociedade lhe atribui, ainda que os questiona, o sujeito pode tornar subjetiva a realidade social, atribuindo-lhe significados e associando-a a ações. (...) Na medida em que o sujeito vai exercendo papéis sociais relativos ao seu gênero, vai construindo sua identidade de gênero (Bruschini, 1998, p.90).

As relações complexas e pluricausais desse grupo proporcionam, pela experiência cotidiana, a socialização primária e a secundária, bem como o início e a aprendizagem da cidadania, da identidade de gênero e dos respectivos papéis sociais. A emoção é incluída no processo do desenvolvimento e do conhecimento que as informações proporcionam, bem como nas decisões diárias e imediatas, vividas no interior da família, no círculo dos amigos e no ambiente de trabalho.

As histórias dos casais e das famílias têm desdobramentos sociais, econômicos e políticos, que por sua vez retroagem na formação das auto-imagens dos indivíduos-cidadãos, das suas identidades fugidias como o tempo, mas necessárias para a reflexão-ação e para o jogo entre o poder e a liberdade exercidos e vividos no cotidiano.

Ocorre que no cotidiano familiar as emoções e os significados não são expressos. As ações são interpretadas num contexto de emoções entrelaçadas no crivo dos códigos pessoais, familiares e culturais mais amplos. O diálogo pode trazer profundas modificações nas relações do casal, principalmente se levarmos em conta as relações estabelecidas culturalmente entre os gêneros.

Freqüentemente os membros do grupo familiar falam ao

profissional das vivências emocionais ocorridas no espaço privado e no espaço público. As polarizações vão sendo relativizadas e emergem as dificuldades entre os papéis masculinos e femininos cristalizados na cultura, os quais solicitam flexibilização. Ao responderem a si próprios, eles caminham para a experiência de que homens e mulheres são construtores de um imaginário diferente.

Na prática, algumas situações são esclarecedoras: a dificuldade do pai em assumir seu lado feminino, sentido como algo perigoso, é projetada no garoto que brinca de “bicha”, fazendo-se recipiente da projeção inconsciente dos pais. Além disso, embora seja uma preocupação do casal e revele uma angústia de ambos, a preocupação é apresentada como sendo da mãe, mostrando que existe um papel definido para ela: a que se preocupa com o filho, enquanto o pai permanece ausente da questão.

O arcaico, ou seja, as identidades de gênero e a divisão sexual de papéis moldados pela cultura, em que o homem é pai e provedor e a mulher é mãe-dona-de-casa, responsável pelo cuidado da casa e dos filhos, está presente de forma confusa, invisível, mais ou menos inconsciente. Outras vezes há uma dicotomia em andamento: o novo está mais localizado na relação do casal e a permanência entremeia mais a relação parental. O conflito aparece em “duas áreas em que as mudanças incidiram de forma significativa, alterando a ordem familiar tradicional: a autoridade patriarcal e a divisão de papéis familiares, modificando substancialmente as relações entre o homem e a mulher e aquelas entre os pais e os filhos no interior da família” (Sarti, 1996, p.44).

Às vezes o pai ausente “sai do ar” para não ver, não ouvir e não saber, e a mãe, sobrecarregada, extremamente aflita, responsável, carrega grande peso de culpa pelo próprio desenvolvimento, resultado da dinâmica complementar do casal que deixa os filhos, também em relação complementar entre eles, sem referencial parental, sem parâmetros de valores e comportamentos e sem limites.

Constata-se que os papéis das mulheres modificaram-se e sua participação simultânea no mundo público e privado

freqüentemente passou a ser vivida como fragmentação (Vaitsman,1994,p.31). De fato houve mudanças (Strey,2000,89-99) e há também permanências: para as mulheres, os papéis sexuais de gênero permaneceram, principalmente o materno, conflitando com os papéis profissionais. Ambos são vividos com extremo senso de responsabilidade, cobrança e ambivalência.

Acrescenta-se a produção dos valores simbólicos, como seguir uma determinada carreira profissional ou outra, o que também é de difícil resolução, e a conquista pelas mulheres do espaço público, provocando ao mesmo tempo rearranjos das relações de gênero no mundo privado, que se encontra diretamente ligado à superação da violência simbólica.

A autonomia dos indivíduos pressupõe tanto o sentido de si como o sentido do outro, definindo e organizando os limites pessoais, os limites do subsistema parental e os do subsistema fraternal (Minuchin,1990), em atenção às necessidades específicas de cada um. Esse mecanismo exige o reconhecimento das necessidades do outro. Respeitando-se os limites da autonomia, podem ser modificadas as relações de autoridade, a divisão de papéis dentro de uma lógica simbólica, requalificando todo o universo da intimidade. O movimento dá-se na busca de um arranjo mais equitativo, negociado segundo o princípio da autonomia, que não é negação do outro, mas respeito.

A reprodução da organização do grupo familiar ocorre no espaço temporal e é marcada pela alteração das posições de seus integrantes na estrutura grupal, estando associada à maturidade dos filhos e ao envelhecimento dos pais, o que pressupõe, inclusive, a entrada e a saída de uns e de outros no mercado de trabalho e a vivência dos ciclos vitais das famílias (Carter,1995).

As relações com os filhos são mediadas tanto pela autoridade quanto pela afetividade. A maior proximidade nas relações entre mães e filhos é resultante da divisão sexual de papéis entre os genitores e das atribuições de encargos e de cuidados, como da expressão de sentimentos e emoções.

As relações de autoridade e poder têm um caráter diferencial nas relações do pai e da mãe com os filhos, o que pode ser questionado e mesmo negado, com muito mais vigor do que foi

no passado. O chefe de família, não sendo o principal provedor financeiro do consumo doméstico, devido à participação crescente das esposas e dos filhos, tem sua autoridade abalada. Ao mesmo tempo, o saber paterno perde sua eficácia, pois as experiências que ele continua a traduzir estão situadas em um passado que não é mais congruente com um presente marcado por mudanças intensas e rápidas. Além disso, a hierarquia existente na família tende a ser substituída por vínculos de relativa igualdade entre marido e esposa, o que mina substancialmente a autoridade do marido e pai.

No âmbito das relações de gênero, a emergência da problemática do “outro” expressa-se na constituição das mulheres como sujeitos, indivíduos desafiando discursos e práticas patriarcais, rejeitando os modos de relações hierárquicas, elitistas. Valoriza-se a solidariedade e a expressão pessoal em detrimento de relações instrumentais, e a cooperação em lugar das relações competitivas. Buscam-se novos caminhos existenciais, discursivos e culturais, que procuram expressar-se.

A revelação desse cotidiano com suas dificuldades tanto individuais como do grupo familiar e sociais permite descortinar as construções e as representações do feminino, do masculino e de suas relações. Entrelaçados num processo de influência mútua, simultaneamente constituintes e constituídos, os perfis de gênero são produto e processo de sua representação (Matos,1997). Sua repetição e circularidade produz e reproduz sistemas que organizam e regulam comportamentos.

Entretanto, porque as formas de organização e as estruturas familiares apresentam atualmente importantes alterações em seus padrões de funcionamento, convém uma minuciosa e cuidadosa análise. Essas alterações muitas vezes implicam em separações, recasamentos, mudança nos papéis, novas configurações, novas concepções de gênero e novas reorganizações do núcleo familiar.

Já se delineiam em nossa época formas de vida familiar cuja organização não esteja assentada em normas preestabelecidas, mas considera as mudanças emancipadoras que instituíram novos padrões de comportamento, tanto para a mulher quanto para o homem, e a relação entre eles. Vista desse ângulo, a família não



é uma totalidade homogênea, mas um universo plural e múltiplo de relações diferenciadas. As mudanças sociais exteriores a ela atingem de modo diverso cada uma destas relações e cada uma das partes da relação.

Cada família desenvolve seqüências padronizadas de comportamentos, de caráter repetitivo, que garantem a organização familiar. Essas formas padronizadas são governadas por regras não verbalizadas, vinculadas aos valores da cultura, podem ser inferidas a partir da observação das transações da família, que se originam nas vivências psicológicas do casal.

Os padrões culturais, por sua vez, traduzem um conjunto particular de noções sobre como os homens e as mulheres, como esposos, devem tratar uns aos outros ou sobre quem faz o que na relação da vida doméstica. As famílias, portanto, constituem formas, espaços e tempos concretos de aprendizagem de nos criarmos a nós próprios em nossa cultura. Mas, para além da família pensada, o mundo familiar é um pluriverso e um multiverso de culturas nucleares, composto pelos seus códigos, pela sintaxe própria para comunicar-se e interpretar as mensagens que se imbricam pelas regras, ritos e jogos, tanto conscientes quanto inconscientes.

Dessa maneira, qualquer família que procura orientação traz junto com o problema atual a sua história multigeracional, que toma seu sentido ou sua falta de sentido do contexto histórico cultural e local. Neste início de milênio, novos perfis de homens e mulheres procuram desenhos, configurações e formas novas de reorganizar o grupo familiar e de ressignificar suas relações.

O profissional e o estudioso também têm à sua frente desafios e responsabilidades novos para entender essa complexa rede de relações que é a família humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, N. *Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.  
ANDOLFI, M. *La Famiglia Trigenerazionale*. Roma: Bulzoni, 1988.  
ARILHA, M. R.S. G.U.; MEDRADO, B. *Homens e Masculinidades: Outras*

- Palavras. São Paulo: Editora 34, 1998.
- BRUSCHINI, C.; HOLLANDA, H. B. (Orgs). *Horizontes Plurais: Novos Estudos de Gênero no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Editora 34, 1998.
- CALIL, V.L.L. *Terapia Familiar e de Casal*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997.
- CARTER, B.; MAC GOLDRICK, M. (Orgs). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CARVALHO, M. C. B. (Org) et alii. *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo: EDUC/Cortez Editora, 1997.
- ECHEVERRIA, R. *Ontologia del Language*. Santiago: Dolmen Ediciones, 1994.
- MATOS, M. I.S; SOLLER, M. A. (Org). *Gênero em Debate*. São Paulo: EDUC, 1997.
- MCNAMEE, S.; GERGEM, K.J. & Colaboradores. *A Terapia como Construção Social*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- MINUCHIN, S. & F., CHARLES, H. *Técnicas de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- SARTI, C. A. *A Família como Espelho*. Campinas: Editora Autores Associados, 1996.
- STREY, M.N. et alii. *Construções e perspectivas em Gênero*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.
- VAITSMAN, J. *Flexíveis e Plurais*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.